

POEMA DE MIO CID E A VIDA DE SANTO DOMINGO DE SILOS: UM ESTUDO COMPARATIVO A PARTIR DE DOIS TEXTOS DO SÉCULO XIII¹

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora Associada II de História Medieval do Departamento de História da FRJ
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2

andreiafrazao@ufrj.br

Bruno Gonçalves Alvaro

Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor Assistente I de História Medieval do Departamento de História da UFS

brunoalvaro@ufs.br

RESUMO

No presente artigo comparamos a descrição dos clérigos *Jheronimo* e *Domingo de Silos*, personagens presentes, respectivamente, em dois textos escritos no século XIII: o *Poema de Mio Cid* (PMC) e a *Vida de Santo Domingo de Silos* (VSD). O método comparativo, aplicado sistematicamente aos estudos históricos, possibilita múltiplas possibilidades de trabalho, desde examinar e descartar hipóteses ou mesmo confirmá-las. Assim, a partir da comparação da construção narrativa de tais personagens, perguntamo-nos: a caracterização textual de *Jheronimo* e *Domingo* é similar? Que traços os aproximam e os separam? Que elementos influenciaram a construção narrativa desses personagens? Qual a relação entre a caracterização desses personagens e o papel social ocupado pelos clérigos em Castela nos séculos XII e XIII?

Palavras-chave: História Comparada – Idade Média Central – Reino de Castela

¹ O presente artigo é fruto de uma breve comunicação, intitulada *A espada e a palavra a serviço de Deus: Uma análise comparativa dos personagens Jheronimo e Domingo de Silos através do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*, apresentada, em 2008, na II Semana de Integração Acadêmica: Desafios às Ciências Humanas e Sociais no Brasil, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O texto aqui publicado corresponde ao estudo aprofundado da temática proposta naquele momento e contém os resultados que ficaram de fora da publicação do texto da comunicação nas Atas do respectivo evento. Cf. ALVARO, Bruno G.; FRAZÃO DA SILVA, Andréia C. Lopes. A espada e a palavra a serviço de Deus: Uma análise comparativa dos personagens Jheronimo e Domingo de Silos através do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos. Semana de Integração Acadêmica do CFCH, 2, 06 a 08 de agosto de 2008. Desafios às Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Atas... Rio de Janeiro: CFCH, 2009. (CD-ROM) ISSN 2176-0624.

ABSTRACT

The present paper's the main goal is to compare the description of the clerics *Jheronimo* and *Domingo de Silos*, characters in two texts written in the 13th century: *Poema de Mio Cid* [*Mio Cid's Poem*] and *Vida de Santo Domingo de Silos* [*The Life of Saint Domingos de Silos*]. The comparative method, systematically applied to historical studies, allows for multiple possibilities of thematic work, permitting the examination and dismissing of hypotheses or even their confirmation. Thus, starting with the comparison of the narrative construction of such characters, we ask: are *Jheronimo* and *Domingo* characterized in the same way? Which traces approaches and separates them? What is the relation between the characterizations of such personages and the social papers of the Castela's clerics during the 12th and 13th centuries?

Keywords: Comparative History – Central Middle Age – Castela's Kingdom

Poema de Mio Cid e a *Vida de Santo Domingo de Silos* são dois poemas elaborados em Castela na primeira metade do século XIII, ainda que narrem acontecimentos que teriam ocorrido no século XI. Neles figuram diversos personagens, tais como reis, cavaleiros, damas, religiosos e clérigos. Neste artigo vamos nos concentrar na comparação da caracterização textual de dois personagens, ambos clérigos: *Jheronimo* e *Domingo*. Os mesmos são descritos nestas obras, a despeito de serem ligados formalmente à Igreja, assumindo atuações distintas na sociedade na qual estavam inseridos. Nossa hipótese é que eles representam a diversidade de posicionamentos da Igreja de Castela ante as normativas romanas sobre a disciplina clerical aprovadas em um Concílio geral, conhecido como Latrão IV, realizado em 1215.

Para fundamentarmos nossa análise optamos por utilizar o modelo comparativo proposto pelo historiador alemão Jürgen Kocka em seu artigo *Comparison and Beyond* (2003). Para este autor, a comparação em História “significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de *suas* singularidades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetos intelectuais” (KOCKA, 2003, p. 39). Ele ainda ressalta que tais fenômenos não precisam apresentar-se, necessariamente, em sociedades diferentes, já que dentro de uma mesma sociedade e em um mesmo marco temporal é possível, através da comparação histórica, observar similitudes e/ou diferenças específicas. Esta perspectiva rompe com a chamada comparação clássica, na medida em que, entre outros aspectos, pode ser aplicada a análises microanalíticas.

A comparação ainda nos permitiu preencher lacunas sobre a temática escolhida. No decorrer de nossas pesquisas foi latente a ausência de trabalhos que se preocuparam em analisar, comparativamente, não só os personagens em questão, como, também, as obras nas quais eles figuram.

Como orientação teórica, empregamos os pressupostos da História Cultural conceitualizada pelo pesquisador francês Roger Chartier, que entende esse campo do fazer histórico como tendo o principal objetivo de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 17). Este autor afirma que para o alcance de tal objetivo muitos caminhos podem ser traçados, dentre os quais, o que “diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Por fim, tal historiador destaca que as representações do mundo social, mesmo pretendendo ser universais e fundamentadas na razão, “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Dentro desta lógica, defendemos que os personagens analisados neste artigo representam, como anteriormente afirmado, os diversos posicionamentos da igreja castelhana face às normativas papais.

A técnica de análise escolhida para o levantamento dos dados nos textos medievais selecionados foi a análise da narrativa. Concentramo-nos em inventariar os elementos que caracterizam os personagens à luz do contexto narrativo das obras. Estes dados foram comparados e interpretados a partir das considerações teóricas de Chartier, já apresentadas.

Destacamos que este artigo trata-se de uma abordagem que não busca generalizar a representação dada aos personagens escolhidos como um retrato de toda a sociedade castelhana do século XIII, mas, sim, discutir a especificidade de dois discursos, no caso, as descrições de *Jheronimo* e *Domingo*.

O Poema de Mio Cid e a Vida de Santo Domingo de Silos: características das obras

O *Poema de Mio Cid* (PMC) foi escrito em 1207 pelo clérigo Per Abbat² e pode ser dividido em três núcleos narrativos, também conhecidos como *cantares*, nos quais o personagem central é o cavaleiro burgalês Rodrigo Díaz de Vivar, apelidado de *Cid*, que viveu no século XI. O primeiro cantar, chamado de *Cantar del destierro*, se inicia com o herói partindo para o exílio, juntamente com o seu séquito, por ordem do rei Afonso VI.³ O cantar seguinte, *Cantar de las bodas*, retrata as campanhas na região do Levante e a conquista de Valência e se encerra com o casamento das filhas de *Cid* com os *infantes* de Carrión. Por fim, o último cantar, o *Cantar de la afrenta de Corpes*, trata da restituição moral e financeira do *Cid*, já que suas filhas haviam sido ultrajadas pelos esposos em Corpes, por motivo de vingança.

O PMC, em seu estado atual, é composto por 74 *fólios* num total de 3.733 versos e se encontra na Biblioteca Nacional de Madri. Falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira, pode-se supor que o poema em seu estado original tinha,

² Existem diversos debates sobre a autoria do PMC. Contudo, como Gutierrez Aja e Riaño Rodríguez, atribuímos a autoria ao clérigo Per Abbat, baseando-nos, entre outros motivos, na assinatura no final do único manuscrito conhecido atualmente.

³ Supõe-se que a ordem para tal destierro tenha-se originado por uma desavença entre o cavaleiro e Afonso VI, contudo isso não está explícito na versão atual do poema, já que o único manuscrito preservado não contém o primeiro folio.

aproximadamente, 4.000 versos ou um pouco menos. Para muitos autores, como Reinhardt Dozy, trata-se de um dos primeiros monumentos literários da língua castelhana (DOZY, 1860, p. 1). Vale destacar que o personagem por nós selecionado para análise neste artigo, *Jheronimo*, é secundário na trama, mas interage diretamente com o protagonista *Cid*. Diferentemente, de Rodrigo Díaz de Vivar (*El Cid*), amplamente documentado, *Jheronimo* não figura em nenhum texto literário ou histórico da *Hispania*. Acredita-se que Per Abbat se baseou em um clérigo cluniacense francês chamado Jérôme de Périgord, que, juntamente com companheiros de Ordem, viajou a Península Ibérica para ajudar na reforma da igreja peninsular sob a direção de Bernardo, Arcebispo de Toledo desde 1085 (SMITH, 2001). Entretanto, ainda hoje, são diversas as discussões acerca do assunto, tema sobre o qual não nos deteremos neste trabalho.

A *Vida de Santo Domingo de Silos* (VSD) é um poema-hagiográfico escrito pelo clérigo Gonzalo de Berceo, provavelmente em 1240, e narra a vida virtuosa do *santo Domingo*, que foi após ter sido ordenado sacerdote e ter vivido como eremita, abraçou a vida monástica e tornou-se conhecido como o abade reformador do mosteiro de Silos e, como *Cid*, viveu no século XI. Esta obra pode ser dividida em três partes ou três “livros”. O primeiro apresenta a biografia do santo, começando com o seu nascimento, destacando as virtudes que o caracterizaram em vida e seu auto-exílio em Castela, resultado de conflitos com o rei Garcia de Nájera. O segundo narra os milagres operados pelo abade em vida, finalizando com a narrativa de sua morte e sua entrada no paraíso. E, por fim, o terceiro relata os milagres pós-morte, estabelecendo o silense como um intercessor que liga Deus aos homens. Diferentemente de *Jheronimo*, *Domingo* é o protagonista da obra em questão.

Até o momento, apenas três manuscritos medievais da VSD são conhecidos: **S**, **H** e **E**. O **S** é datado no século XIII e os outros dois são cópias realizadas no século XIV. **S** encontra-se no mosteiro de Silos e acredita-se que seja uma cópia feita em San Millán de la Cogolla por um monge silense. **H** trata-se de uma cópia do primeiro, provavelmente feita para o mosteiro de San Martin de Madrid, comunidade religiosa filiada a de Silos. Este manuscrito encontra-se atualmente na Academia de la Historia. Por fim, o manuscrito **E**, uma possível cópia do original de Berceo, feita em San Millán de La Cogolla, entre 1300 e 1325.

As relações entre a igreja castelhana e Roma no século XIII

Desde o século XI, aspectos da chamada Reforma Gregoriana já eram introduzidos em solos castelhanos (SILVA, 1995a). Contudo, o processo de submissão da igreja castelhana a Roma não foi simples nem automático. Em pleno século XIII, momento em que o PMC e a VSD foram compostos, houve resistência, em várias dioceses castelhanas, face à introdução das decisões tomadas no IV Concílio de Latrão, considerado o mais importante concílio ecumênico medieval. Como destaca García y García, os clérigos ibéricos, mesmo depois desta assembléia, não “muestran especial entusiasmo en tal sentido, pese a recibir algunas admonestaciones pontificias en tal sentido para aplicar las reformas lateranenses” (GARCÍA Y GARCÍA, 2005, p. 89).

Esta resistência em acatar as diretrizes de Roma pode ser parcialmente explicada pela intervenção do poder régio nos assuntos considerados da esfera religiosa. Em 1247, por exemplo, o papa Inocêncio IV concedeu a Fernando III as *tercias reales*, que correspondiam a 2/9 do valor total do dízimo eclesiástico. Segundo os historiadores espanhóis Julio Valdeón e Zabalo Javier, “esa participación de la corona en las rentas de la Iglesia tenía un valor decisivo. Por eso se ha afirmado, no si fundamento, que desde mediados del siglo XIII, los obispos del reino castelhana-leonés dependían más del monarca que del pontífice” (VALDEÓN; ZABALO, 1989, p. 84-85). Esta interferência régia na Igreja castelhana pode ser associada ao fato do movimento conhecido como Reconquista ter tomado ares *cruzadísticos* no início do século XII.⁴ Em uma sociedade em permanente “sentimento cruzado”, os homens de guerra, sem a mediação da Igreja, sentiam-se salvos por exercerem uma atividade considerada santa.⁵ Aliás, uma das marcas dos governos de Fernando III, o Santo, e, Afonso X, o Sábio, foi justamente a continuidade das operações militares dos que os antecederam, possibilitando à coroa castelhana o domínio de grande parte dos territórios muçulmanos ao sul da península (RUCQUOI, 1995, p. 290).

Segundo o IV Concílio de Latrão, os clérigos deveriam ser continentos e castos, servir a Deus com um coração puro, abster-se do abuso na bebida, não caçar, não exercer cargos seculares nem administrar negócios temporais, não participar ou assistir apresentações teatrais, não jogar, não praticar a simonia, não participar de expedições militares, não exercer atividades que levem ao contato com sangue, dentre muitos outros cuidados (SILVA, 1995b).

⁴ O papa Pascoal II assim confirmou-a em 1102.

⁵ É interessante, por exemplo, comparar o pensamento cruzadístico dos europeus que lutavam em Jerusalém com os cristãos peninsulares da Reconquista. Ver, por exemplo, o artigo de González Casanovas (1998).

A seguir, passaremos a refletir sobre as caracterizações de *Jheronimo* e *Domingo*, sublinhando as similitudes e diferenças entre eles e discutindo como este perfil ideal de clérigo proposto por Roma faz-se presente nestas construções textuais.

Don Jheronimo: o bispo mata-mouros

O personagem *Don Jheronimo* é inserido por Per Abbat na trama a partir dos versos 1287 e 1288, como um tipo de “alento” aos cristãos partidários de *Cid* em Valência: “En estas nuevas todos se(a) alegrando/ de part de orient vino un coronado” (PMC 78:1287-1288). Não há outras evidências documentais sobre *Jheronimo*, ou seja, não podemos afirmar se estamos ante a um personagem histórico ou unicamente de uma construção literária.

O PMC não deixa dúvidas quanto à categoria social de *Jheronimo*: ele é um “coronado”, ou seja, um sacerdote, um clérigo (PMC 78: 1287). Ele é descrito como “bien entendido es de letras e mucho acordado” (PMC 78:1290), isto é, como um clérigo letrado e “muito sensato”. Tais adjetivos não fogem ao tipo de clérigo almejado pela Igreja no período, conforme é possível verificar através do cânone 16 do IV Concílio de Latrão. No entanto, a descrição prossegue e, segundo o poema, “de pie e de cavallo mucho era areziado” (PMC 78:1291).

Don Jheronimo, portanto, não é apenas um clérigo letrado e “muito sensato”, ele era “areziado”, ou seja, forte, seja a pé ou a cavalo. Per Abbat atribui, dessa maneira, uma adjetivação a este personagem que o desvia do modelo de clérigo tão pontuado pela historiografia por nós conhecida, pois ele é forte, não na fé ou no manejo das sagradas escrituras, mas, como veremos a seguir, como um guerreiro.

A narrativa continua e a trama indica que o clérigo se juntou ao séquito de *Cid* com um único objetivo: lutar contra os mouros (PMC 78: 1292-1295). E esta atitude agradou o protagonista, que afirma ao seu braço direito, o cavaleiro *Minaya Albar Fañez*, que instituiria um bispado em Valência e o entregaria nas mãos de *Don Jheronimo*, um “buen christiano” (PMC 78:1300). Após uma pequena ausência na narrativa, o clérigo reaparece, já como bispo de Valência, à frente da comitiva de recepção à esposa e filhas de *Cid*, que após permanecerem certo tempo no Mosteiro de San Pedro de Cardena, retornavam para companhia do herói.

Com a iminência de um ataque dos mouros vindos de Marrocos, a primeira obrigação do bispo, segundo a voz dada ao personagem *Cid*, era “dezir nos ha la missa” (PMC 93: 1688). O autor apresenta o conteúdo do sermão, que destacava a indulgência dada aos que morressem

em batalha, dentro do espírito religioso que motivada a cruzada contra os chamados infiéis: “El que aqui muriere lidiando de cara/ prendol yo los pecados e Dios le abra el alma./ A vos, Çid don Rodrigo – ¡en buen ora çinxiestes espada! –/ hyo vos cante la missa por aquesta mañana;/ pido vos un don e seam presentado:/ las feridas primeras que las aya yo otorgadas.’/ Dixo el Campeador: ‘Des aqui vos sean mandadas.’ (PMC 94:1701-1710)

Percebe-se que o bispo *Jheronimo* cumpre sua obrigação como clérigo, reza a missa, contudo, antes do séquito sair para o combate, ele pede a *Cid* o direito de desferir os primeiros golpes no campo de batalha, o que era considerado uma grande honra entre os cavaleiros na Idade Média, segundo os estudiosos (DUBY, 1995; FLORI, 2001; PASTOUREAU, 1989). A honra solicitada é concedida, e todo o exército parte para a batalha.

Como é comum nos textos épicos que narram feitos guerreiros, as lutas são sangrentas. E por se tratar de uma obra que não exalta simplesmente um personagem, mas o utiliza como o exemplo de cavaleiro cristão perfeito, *Cid* e seus companheiros vencem a lida. Ao entrar novamente em Valência, sendo recebido por sua mulher e suas filhas, o herói discursa: “Vedes el espada sangrienta e sudiento el cavallo,/ ¡con tal cum esto se vençen moros del campo!” (PMC 95: 1753-1754). O poeta ressalta os despojos conquistados na luta contra os marroquinos e descreve o bispo *Jheronimo* como “caboso coronado/ quando es farto de lidar com armas las sus manos/ non tiene en cuenta los moros que ha matados;/ lo que caye a el mucho era sobejano.” (PMC 95: 1792-1795). Sendo assim, como anteriormente ressaltado, tal clérigo, além de possuir os atributos essenciais para ser considerado um bom religioso aos olhos da Igreja, também é descrito como exímio guerreiro, um verdadeiro “mata-mouros”.

Após um novo silêncio do PMC a respeito de *Don Jheronimo*, ele ressurgiu mais uma vez em um contexto narrativo específico de batalha, dessa vez contra as forças marroquinas lideradas pelo rei *Bucar*. Per Abbat, assim como na passagem anterior, descreve o bispo como cumpridor de suas funções religiosas à frente do “bispado” de Valência.⁶ No entanto, é mais explícito sobre as suas funções clericais, conforme o diálogo com *Cid*: “Oy vos diz la missa de Santa Trindade,/ por esso sali de mi tierra e vin vos buscar/ por sabor que avia de algun moro matar. / Mi orden e mis manos querria los ondrar/ e a estas feridas yo quiero ir delante;/ pendon trayo a corças e armas de señal,/ si plogiesse a Dios querria las ensayar,/ mi coraçõn

⁶ Há um documento, datado de junho de 1098, em que Rodrigo Díaz de Vivar (*El Cid*) transforma a mesquita de Valência em catedral, dotando-a generosamente, assim como o bispo que a assumiu, sobre o qual não temos notícias. Há uma hipótese, pouco provável, que Don Jérômimo de Périgord, ao qual já nos referimos em nosso texto, a mando do Arcebispo de Toledo tenha tomado posse da sede. Porém, preferimos nos referir ao bispado de Valência no poema utilizando aspas, por considerarmos uma liberdade poética utilizada para enriquecer a trama narrada por Per Abbat.

que pudiesse folgar/ e vos, mio Cid, de mi mas vos pagar./ Si este amor non feches yo vos me quiero quitar” (PMC 116:2367-2379). Mais uma vez, o cavaleiro burgalês dá a honra dos primeiros golpes ao bispo e ressalta: “Lo que vos queredes plaz me./ Afe los moros a ojo, id los ensayar;/ ¡nos d’aquent veremos commo lidia el abbat!” (PMC, 116:2380-2382).

O poema então narra com muita minúcia o combate do clérigo e destaca a sua coragem mesmo cercado de diversos mouros (PMC, 117:2383-2390). O narrador chega a inserir-se diretamente no relato. Assim, ao descrever a luta, exclama: “!Dios, que bien lidiava!” (PMC, 117:2388).

Conforme nossa análise, as aparições mais detalhadas de *Jheronimo* no PMC são sempre as que descrevem momentos de batalha contra os muçulmanos.⁷ Há que destacar, também, que o poeta, em todas as passagens que dá voz ao seu personagem, é bem específico sobre o desejo do personagem de participar dos combates liderados por *Cid* que, por sua vez, aceita com naturalidade o pedido do clérigo. Isso nos leva a inferir que *don Jheronimo* não era, dentro do contexto em que o poema foi escrito, um religioso fora do comum. Isso corrobora com a nossa hipótese de que a Igreja, mesmo tentando impor seu modelo de religioso na Península Ibérica, não extinguiu clérigos como *Jheronimo*, pelo menos no reino de Castela.

Passamos agora a analisar o que julgamos ser não o oposto de *Jheronimo*, mas um clérigo mais próximo às expectativas da Igreja de Roma: *Domingo de Silos*.

Domingo de Silos: um clérigo nos moldes da Igreja romana

Como se trata do protagonista do poema, são muitas as qualidades, os gestos, os milagres, os comportamentos e as ações que Gonzalo de Berceo atribui a *Domingo*. Não faremos uma apresentação sistemática de todos os elementos que caracterizam o abade na obra em estudo, já que são em grande número, limitamo-nos somente aos que consideramos mais relevantes na sua identificação como clérigo.

O primeiro traço de *Domingo* destacado na VSD é o comportamento regrado, revelado ainda na primeira infância. Desta forma, após indicar o propósito da obra e apresentar os pais do santo, o autor passa a enumerar as virtudes apresentadas por seu protagonista ainda menino. Segundo este poema, o biografado servia aos seus pais com boa vontade e humildade (VSD 10ab); era obediente (VSD 19c) e cumpria todas as tarefas que lhe eram designadas (VSD

⁷ A estrofe de número 117 do poema marca a última aparição do bispo mata-mouros *Jheronimo*.

19); era tão correto que chegava a impressionar os vizinhos (VSD 10cd). Mesmo sendo uma criança, não se interessava por jogos nem os observava (VSD 11ab). Procurava evitar os risos, falar ou envolver-se com coisas “pouco edificantes” (VSD 12). A conduta apresentada por *Domingo* era, portanto, muito diferente da de qualquer menino de sua idade, mas estava em harmonia com o exigido para os clérigos pela Igreja de Roma.

Dentre as diversas ações do santo, destaca-se a oração. Porém, mais do que possuir um caráter contemplativo, as preces de *Domingo* foram motivadas por questões práticas. Assim, perante as dificuldades, fossem pessoais (VSD 158-161), de sua comunidade (VSD 450 - 453) ou dos que o procuravam (VSD 217, 304, 394, 397), o santo clamava pela ajuda de Deus. A obra ainda ressalta que o santo intercedia pelos enfermos, cativos, pagãos, hereges, mortos e por si mesmo (VSD 75-78).

Segundo a VSD, *Domingo*, mesmo tendo sofrido perseguições ou sendo enganado, sempre soube reconhecer as fraquezas humanas e perdoar aos que o magoavam (VSD 377-379, 436-442). Como homem de Deus, possuía uma justiça diferente da dos homens. Por exemplo, quando a horta do mosteiro de Silos fora toda revolvida por ladrões em busca de alimento, o santo, ao invés de castigá-los ou mandar prendê-los, ofereceu-lhes alimento e pagamento pelo serviço de preparar a terra para o cultivo (VSD 377-379).

Berceo retrata *Domingo* como um homem solidário e caridoso, que repartia o que tinha com os demais, auxiliando-os no que era necessário (VSD 113, 300, 340, 353-374, 405 - 406). Podemos, a título de exemplificação, destacar a ocasião em que o abade deu um cavalo, a única riqueza que tinha, para ser vendido a fim de angariar recursos para resgatar um cativo: “Non avemos dineros, nin oro nin argent, un cavallo tenemos en casa solament; nos éssi vos daremos de grado en present, cumpla lo que falliere el Rey omnipotent” (VSD 364).

Domingo também é apresentado como uma pessoa sedenta por conhecimento. A disposição para servir a Deus não lhes bastava: era necessário aprender a doutrina. Desta forma, ao se decidir pela carreira de sacerdote, ainda menino, ingressou na escola paroquial (VSD 35). Segundo o poema, para ali se dirigia toda a manhã, sem que seus pais precisassem ordená-lo (VSD 37ab). Na escola aprendeu a ler os evangelhos e as epístolas e a cantar o saltério, os hinos e os cânticos do ofício divino (VSD 38-39), habilidades necessárias para exercer o sacerdócio. Ou seja, a busca pelo conhecimento apresenta-se, na obra em estudo, como uma condição importante para os que querem servir a Deus.

Além de culto, o santo é apresentado como trabalhador. Desta forma, a VSD afirma que *Domingo* queria viver do trabalho de suas mãos, portanto, “... empeçó a labrar por dexar de pedir, que era grave cosa, pora él, de sofrer” (VSD 107cd). Esta visão positiva do trabalho certamente era uma forma sutil de criticar as nascentes ordens menores que, neste período, consolidavam sua presença na Península Ibérica. Estas ordens também eram conhecidas como mendicantes, pois garantiam a subsistência através do recebimento de esmolas.

A VSD também ressalta que *Domingo* possuía o dom da profecia (VSD 283-284), teve visões e sonhos (VSD 229-249), frutos de seu relacionamento íntimo com a divindade. Porém, disso não se vangloriava: “por estas visiones que Dios li demonstrava, ninguna vanagloria en él non encarnava; por servir a don Cristo más se escalentava, a otras vanidades cabeça non tornava” (VSD 249).

Domingo, apesar de ter dedicado a maior parte de sua existência à vida monástica, foi, segundo a obra em estudo, um pregador. Pregava não só para os irmãos do mosteiro, mas para os leigos. A VSD ressalta este dado e afirma que muitos vinham ouvi-lo, inclusive o rei Fernando I de Castela (VSD 220, 463). Gonzalo de Berceo chega a introduzir na obra um longo sermão fictício que atribui ao santo, repleto de conselhos pastorais e dando ênfase à confissão e ao perdão (VSD 463-475). Sua pregação era, portanto, pública e evangélica, tal como exigia o novo ideal de espiritualidade.

A castidade (VSD 224), a mansidão (VSD 147, 443-444), a humildade (VSD 249, 311-312), o desejo de servir a Deus com todo o seu ser (VSD 253), a compaixão (VSD 363) e a disposição para ajudar a qualquer necessitado (VSD 13) são outras qualidades demonstradas por *Domingo*. Desta forma, a obra em estudo não economiza nos adjetivos e expressões a fim de que essas virtudes fiquem patentes: “... fo siempre casto, de bona paciência, umilloso e mansó, amó obediência, en dicho e en fecho se guardo de fallencia...” (VSD 224abc).

Conclusão

Jheronimo e *Domingo* recebem tratamento diferenciado no conjunto das obras em que figuram, já que ocupam papéis distintos nas narrativas. *Jheronimo* é um personagem secundário, enquanto *Domingo* é protagonista. Esse fato explica o grande número de qualificações relacionadas ao silense, frente às escassas referências ao clérigo cidiano. Entretanto, a despeito dos papéis que ocupam nas obras, é possível verificar traços comuns na

caracterização dos dois clérigos. Ambos são homens corajosos, fortes, firmes, letrados e sensatos; pregam; relacionam-se com os líderes seculares. Porém, um elemento fundamental os diferencia: o uso da violência física. *Jheronimo* é um guerreiro, um mata-mouros, *Domingo*, apesar das dificuldades vividas, inclusive os embates com o rei García de Nájera, não entrou em combate corporal com seus inimigos: suas armas foram a palavra, a oração, a mansidão, etc.

As similitudes e diferenças entre os personagens *Jheronimo* e *Domingo* podem ser explicadas, entre outros fatores, pelo público alvo e a temática central desenvolvidas nas obras, a despeito dos autores terem sido clérigos. Per Abbat escreveu um poema épico, cujo público alvo era a nobreza laica envolvida com a chamada Reconquista e, provavelmente, muito influenciada pelos ideais de guerra santa. Gonzalo de Berceo compôs um poema religioso, para propagar a devoção a um santo exemplar, seguindo o modelo ideal de clérigo aspirado pela Igreja Romana.

Os traços comuns dos personagens, a valorização do saber e a pregação, estão, certamente, vinculados a própria trajetória de Per Abbat e Gonzalo de Berceo, que eram clérigos, letrados e produtores de obras em versos, muito mais do que às diretrizes papais sobre o tema, presentes, em especial, nos cânones 10 e 11 do IV Concílio de Latrão. As divergências explicam-se, sobretudo, pelo valor dado, na sociedade castelhana, às ações guerreiras, que, inclusive, eram justificadas pela Igreja quando direcionadas aos outros, judeus, muçulmanos e hereges.

Mais do que reflexos da realidade social, *Jheronimo* e *Domingo* são personagens que sintetizam ideais de vida clerical. Enquanto o primeiro encarna o clérigo que combate o mal e o inimigo com a palavra e a força, ligado à tradição ibérica da participação dos clérigos e seus séqüitos ao lado dos reis nas batalhas, o segundo encarna os novos ideais da Igreja Papal, marcado pela valorização da pregação e do exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação Medieval Impressa:

ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edição crítica por Colin Smith. Madrid: Cátedra, 2001.

FOREVILLE, R. (Ed.). *Lateranense IV*. Vitória: Eset, 1973.

GONZALO DE BERCEO. *Obras completas*. Estudo e edição crítica por Brian Dutton. Londres: Tamesis Books, 1978b. v. 4: la Vida de Santo Domingo de Silos.

Obras de caráter teórico-metodológico:

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 2002.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

KOCKA, Jürgen. "Comparison and beyond". *History and theory*, v. 42, n.1, p. 39-44, feb. 2003.

Obras específicas:

ALVARO, Bruno G.; FRAZÃO DA SILVA, Andréia C. Lopes. "A espada e a palavra a serviço de Deus: Uma análise comparativa dos personagens Jheronimo e Domingo de Silos através do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos". *Semana de Integração Acadêmica do CFCH*, 2, 06 a 08 de agosto de 2008. *Desafios às Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Atas...* Rio de Janeiro: CFCH, 2009. (CD-ROM). ISSN 2176-0624.

CORTÉS, José. *El Mundo Poético de Gonzalo de Berceo en la Vida de Santo Domingo de Silos*. 1972. Tese de Doutorado. Florida State University, Flórida, 1972.

DOZY, Reinhardt. "Le Cid d'Après de Nouveaux Documents". In: _____. *Recherches sur l'Histoire et la Littérature de l'Espagne Pendant le Moyen Âge*. Leyde: E. J. Brill, 1860. 2 v. V. 2. p. 1-6.

DUTTON, Brian. "A Chronology of the Works of Gonzalo de Berceo". In: DEYERMOND, Alan David. *Medieval Hispanic Studies Presented to Rita Hamilton*. Londres: Tamesis, 1976. p. 67-76.

FLETCHER, Richard. *Em Busca de El Cid*. São Paulo: Unesp, 2002.

GARCÍA Y GARCÍA, Antonio. *Historia del Concilio IV Lateranense de 1215*. Salamanca: Centro de Estudios Orientales y Ecuménicos Juan XXIII, 2005.

GUTIÉRREZ AJA, María del Carmen; RIAÑO RODRÍGUEZ, Timoteo. *El Cantar de Mío Cid*. 2: Fecha y Autor del Cantar de Mío Cid. *Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, 2006. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=17997>>. Último acesso em 03/02/2008.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España del Cid*. Madrid: Espasa-Calpe, 1947. 2 v.

PÉREZ-EMBED WAMBA, Francisco Javier et. al. *La Reforma Gregoriana y su Proyección en la Cristiandad Occidental. Siglos XI-XII*. Navarra: Departamento de Cultura y Turismo/ Institución Príncipe de Viana, 2006.

SMITH, Colin. "Introducción". In: ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. 22ª Ed. Madrid: Catedra, 2001. p. 17-139.

Obras gerais:

FLORI, Jean. *La Caballería*. Madrid: Alianza, 2001.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. *O Domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. "Moralização do Clero Castelhana no Século XIII". *Veritas*, v. 40, n. 159, p. 559-576, 1995.

_____. "O IV Concílio de Latrão: Heresia, Disciplina e Exclusão". In: _____.; ROEDEL. Leila R.. *Semana de Estudos Medievais*, 3, Rio de Janeiro, 25 a 28 de abril de 1995. *Anais...* Rio de Janeiro: PEM - UFRJ, 1995. p. 95 -101.

GONZÁLEZ CASANOVAS, Roberto J. "Fernando III como Rey Cruzado en la "Estoria de Espanna" de Alfonso X: La Historiografía como Mitografía en torno a la Reconquista Castelhana". In: WARD, Aengus (Coord.). *Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, 12, Birmingham, 21-26 de agosto de 1995. *Actas...* Birmingham: University of Birmingham, 1998. p. 193-204.

ORELLANA CALDERÓN, Raúl. "'Contra los de dentro tortizeros e sobervios': los otros 'defensores', jurisdicción y poder en el proyecto político alfonsí". *E-Spania: Revue électronique d'études hispaniques médiévales*, n. 1, junho de 2006. Disponível para download em: <http://e-spania.revues.org/document331.html>. Último acesso em 21/08/2008.

PASTOUREAU. Michel. *No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1989.

RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.

VALDEÓN, Julio; ZABALO JAVIER, Salrach, José M^a. Javier. *Feudalismo y Consolidación de los Pueblos Hispánicos (Siglos XI-XV)*. Barcelona: Labor, 1989. (*Historia de España*, 4).

Artigo recebido em maio de 2010 e aprovado em julho de 2010.